

**Homilia na Concelebração do dia 8 de abril
comemoração da Festa da Páscoa no Colégio
(At 5, 34-42; Sl 26; Jo 6, 1-15)**

Queridos irmãos e irmãs,

Na primeira leitura da Liturgia da Palavra encontramos hoje Gamaliel, o fariseu que chama a atenção do Sinédrio para a ação de Deus na história: “não vos ocupeis mais com esses homens, e deixai-os ir embora! Pois se é dos homens que vem o propósito ou o empreendimento deles, desaparecerá por si mesmo; se é de Deus, não podereis fazê-los desaparecer. Não vos arrisqueis a ver-vos em contenda com Deus!” (At 5, 38-39). Como consequência deste parecer, os apóstolos são libertados, depois de sofrerem a pena da flagelação, e proibidos de pronunciar o nome de Jesus. Contudo, foram embora dali “felizes por terem sido achados dignos de sofrer ultrajes pelo Nome. Cada dia, no Templo como nas casas, não cessavam de ensinar e anunciar a boa nova de Jesus Messias” (v. 41-42).

A intervenção de Gamaliel, tomada como um ato de fé no Deus que atua na história, é uma palavra importante não só para aquele momento, que resultou favorável aos apóstolos, mas também para nós hoje. A cultura ocidental, a nossa, vem tecendo há séculos sua recusa desta Presença e desta Ação. O racionalismo pretende um mundo e uma história onde tudo começa e termina no homem, no terreno, numa história fechada nos limites daquilo que a razão alcança. Até mesmo nós, muitas vezes somos levados por um certo ativismo, por um certo eficientismo, como se não contássemos com Aquele que é o Senhor da História, e age sempre no mundo realizando o seu desígnio de vida e de amor. Precisamos recuperar o senso da ação de Deus em nós e no mundo, a consciência do que já no II século Santo Irineu denominou de modo tão feliz, a consciência das “economias de Deus”, de suas pacientes e incansáveis iniciativas em nosso favor, para o bem de todas as suas criaturas.

Outro aspecto que merece nossa atenção neste episódio é a alegria, a felicidade dos apóstolos por terem sido achados dignos de sofrer pelo Nome. Apanharam uma surra, sofreram, e no entanto deixaram o Sinédrio cheios de entusiasmo. Lembro daquela pergunta crucial de Paulo VI, no início da *Evangelii nuntiandi*, eco dos debates e da busca apaixonada do Sínodo sobre a evangelização, em 1974: o que é feito, nestes nossos dias, daquela energia escondida da Boa Nova, capaz de despertar no passado tanto entusiasmo, tanta coragem, tanta alegria de anunciar o Nome? Qual é a resposta? Eles haviam encontrado o Ressuscitado! Ninguém, nada mais poderia detê-los. Fizeram a experiência que hoje o Salmo responsorial canta com estas palavras: “Uma coisa pedi ao Senhor, e é só isso o que eu desejo: habitar na casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a Beleza do Senhor e zelar pelo seu templo” (Sl 26, 4). Encontrar o Senhor, estar com Ele, nele morar! Este é o fundamento da alegria pascal dos apóstolos, deste ar de primavera que se respira no início da Igreja. Este o segredo, se quisermos também nós

anunciar o Seu Nome com destemor, com *parresia*, transbordando de alegria pascal, não importa em meio a que dificuldades, a que sofrimentos, a que desafios! Maior ainda o significado deste segredo para quem o Senhor chamou para ser testemunha de sua ressurreição, para anunciar hoje a sua presença, Vivo, no coração do mundo, “para que Nele todos tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10, 10).

O Evangelho indica-nos exatamente este caminho. João, por certo, enquanto o escrevia, não pensava somente no sinal da multiplicação dos pães, mas na Eucaristia que é o pão vivo que o Ressuscitado nos oferece, que Ele é. Os evangelhos são textos pós-pascuais, e portanto devem ser lidos, escutados, à luz da Ressurreição do Senhor. João indica: “Estava próxima a Páscoa dos judeus” (Jo 6, 4). Uma alusão à morte de Jesus naquela Páscoa. O mesmo povo que antes queria fazê-lo rei, um rei terreno, que saciasse a sua fome, condena Jesus diante das autoridades, por sua recusa de satisfazer seus sonhos de felicidade e grandeza meramente políticas. Por isso aponta o evangelista que “Jesus, sabendo que viriam pegá-lo para fazê-lo rei, retirou-se, de novo, sozinho, para a montanha” (v. 15). A alusão ao monte é uma referência ao diálogo com Nicodemos: “assim como Moisés levantou a serpente no deserto, é preciso que o Filho do Homem seja levantado, a fim de que todo aquele que crê, tenha a vida eterna” (Jo 3, 14-15). Esta elevação realiza-se através da cruz: começa na Cruz, continua na Ressurreição e na Ascensão. Jesus, através da Cruz, retorna ao Pai. Por isso, mesmo a pergunta de Jesus a Filipe: “onde compraremos pães para que estes tenham o que comer?” (v. 5) encontra sua resposta na paixão e na ressurreição. É ali que Jesus, entregando por nós o seu corpo, derramando por nós o seu sangue, *comprou* o pão que nos sacia a fome, “o pão vivo descido do Céu para a vida do mundo” (v. 51).

Acolhamos com fé este dom maravilhoso, que nos dá a Graça de entrar na intimidade divina, que nos enlaça na comunhão com todos os que se nutrem deste único pão, sentados à mesa do Banquete nupcial do Cordeiro. Conhecemos nosso lado direito e nosso lado avesso. Sabemos de nossas dificuldades, dos desafios que enfrentamos, de nossas fraquezas e de nossas quedas. Sabemos de nossa generosidade e do desejo sincero de “de morar na casa do Senhor todos os dias da nossa vida”. O importante é contar com Ele! Sua presença sacramental, no Mistério da Fé que celebramos, é a garantia daquela “energia oculta da Boa Nova” que nos enche de entusiasmo. Ela é capaz de erguer-nos de nossos pecados, de aquecer nosso coração no caminho, de dar-nos a coragem e a determinação que cada um necessita para viver, “em novidade de vida”, esta vida do Ressuscitado que é a nossa, definitivamente, desde o Batismo. Celebremos, pois, a Festa, “não com fermento velho, nem com fermento de maldade e perversidade, mas com pães sem fermento: na pureza e na verdade” (1Cor 5, 8)!